

Museu ibérico da máscara e do traje: inventário da coleção museológica

Ana Luísa Barreira Afonso Brilhante⁴

Resumo - Abstract

O objeto de estudo deste trabalho centrou-se na realização do inventário museológico da coleção do Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança (MIMT). Para a investigação, achou-se pertinente a pesquisa histórica do museu, atendendo à função e aos objetivos propostos pela instituição, bem como aos procedimentos museológicos observados.

O MIMT surgiu em 2007, através de um programa comunitário europeu, que tinha como objetivo unir as tradições de Portugal e Espanha, nomeadamente as Festas de Inverno. A sua missão visa a revitalização e promoção da cultura do nordeste transmontano e da região de Zamora, e ainda cativação de públicos.

O trabalho desenvolvido começou por contextualizar a máscara e a sua história no quadro das festas de Inverno; analisou-se o espólio do mesmo, assim como o seu espaço. Na última parte definiram-se propostas de boas práticas museológicas adaptadas às características do MIMT, destacando potencialidades que se podem constituir como novos desafios.

⁴ Ana Luísa Brilhante, nascida em Mirandela em 1987, concluiu, em 2008, na FLUP, a licenciatura em Arqueologia. Durante a sua formação participou em várias iniciativas, nomeadamente conferências (*Semanas de Arqueologia* (FLUP); *Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola* (FLUP)); Escavações arqueológicas em Castanheiro do Vento, Castro de São Lourenço, Arouca e Chaves. Em 2010 concluiu o Mestrado em Museologia, com a tese *Inventário do Museu Ibérico da Máscara e do Traje*. Entre 2010-2011 realizou o estágio PEPAC no Castelo de Algosó com funções de dinamização do monumento. Até Junho/12 trabalhou no Museu do Abade de Baçal.

Ana Luisa Bright, was born in 1987 in Mirandela, concluded in 2008, at FLUP, a degree in archeology. During their training participated in several initiatives, including conferences (*Semanas de Arqueologia* (FLUP); *Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola* (FLUP)); Archaeological excavations at Castanheiro do Vento, Castro de S. Lourenço, and Arouca and Chaves. In 2010 completed a Masters in Museology, with the thesis of *Inventário do Museu Ibérico da Máscara e do Traje*. From 2010-2011 held the stage PEPAC at Algosó Castle with dynamic functions at the monument. Until June/12 worked at the Museum of Abade de Baçal.

BRILHANTE, Ana Luísa Barreira Afonso – Museu ibérico da máscara e do traje: inventário da coleção museológica. *Ensaios e Práticas em Museologia*. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, 2012, vol. 2, pp. 24-36.

The object of the present study focused on the completion of the inventory of the museum collection of the Museu Ibérico da Máscara e do Traje, in Bragança (MIMT). For research, it was felt pertinent to study the historical museum, to the function and objectives proposed by the institution and museum procedures observed. MIMT emerged in 2007 through a European Community program, which aimed to unite the traditions of Spain and Portugal, including the Winter Parties. Its mission is to revitalize and promote the culture of the north-eastern area and the region of Zamora, and also captivate new public.

The work began by contextualizing the mask and its history as part of the winter parties; we analyzed the collection of the same, as your space. In the last section we defined proposals for best practice adapted to the characteristics of museum, highlighting strengths that can be as new challenges.

Palavras-chave – Keywords

Museu Ibérico, Máscara, Traje, Inventário Museológico, Práticas Museológicas.

Iberian Museum, Mask, Costume, Museum Inventory, Museum's Practices.

*Museu ibérico da máscara e do traje: inventário da coleção museológica*⁵

Ana Luísa Barreira Afonso Brilhante

Introdução

O artigo que a seguir se apresenta resulta de um trabalho de investigação realizado no âmbito da tese de Mestrado em Museologia intitulado *Museu Ibérico da Máscara e do Traje – Inventário da coleção museológica*, e tal como o título sugere, a pesquisa centrou-se em questões relacionadas com a coleção do museu, nomeadamente, a elaboração do seu inventário. A experiência decorreu durante um período de seis meses (novembro de 2009 a abril de 2010) no Museu Ibérico da Máscara e do Traje em Bragança.

Ao longo deste tempo constatou-se que o MIMT, apesar de ser um museu contíguo ao museu mais visitado do Distrito, Museu Militar de Bragança, não tinha sido ainda alvo de qualquer estudo sistemático, desconhecendo-se grande parte do seu percurso, bem como a sua fundação. Necessitava também de normas relativas aos procedimentos práticos desejáveis numa correta praxis museológica, e daí o referido trabalho ter incidido no inventário da coleção museológica albergada por este equipamento cultural.

No entanto, para se iniciar um inventário museológico é necessário um estudo e investigação precedentes e contínuos. Para isso, e para consolidar a informação relativa às máscaras e trajes ibéricos sentiu-se necessidade de fazer leituras complementares que, apesar de não constarem nas referências bibliográficas, foram determinantes na aproximação à realidade que se propôs estudar, pois só assim, o propósito de entender a cultura de uma tradição milenar sobre a máscara ficaria conseguido.

⁵ Artigo baseado no projeto de investigação intitulado “Museu Ibérico da Máscara e do Traje: inventário da coleção museológica”, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo orientação do Professor Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva.

Article based on the research project entitled “Museu Ibérico da Máscara e do Traje”, developed in the context of the Museology Master degree course at Oporto University Humanities Faculty, under the supervision of Professor Armando Coelho Ferreira da Silva.

Disponibilizado em/Available at URL: <http://hdl.handle.net/10216/55678>.

Mesmo assim, o interesse deste tema contrasta com a escassez de bibliografia disponível, quer sobre outros museus da mesma temática no país, quer sobre o MIMT em concreto.

Nestas circunstâncias, para que esta investigação fosse possível, achou-se pertinente a pesquisa histórica do museu, desde a sua fundação, atendendo à função e aos objetivos propostos inicialmente pela instituição, bem como aos procedimentos museológicos atualmente observados.

Ao longo do estudo desta instituição museológica surgiram algumas dúvidas, que desde logo se procurou ver esclarecidas junto de especialistas e dos mentores deste museu, tais como: escolha da localização; recolha da coleção; montagem da exposição e divulgação do museu.

Alicerçado nas questões anteriormente enumeradas, iniciou-se o relatório com uma abordagem à fundação MIMT, assim como às características da sua coleção. O referido museu surgiu no ano de 2007, através de um programa comunitário europeu, que tinha como objetivo unir Portugal e Espanha através das tradições culturais raianas, nomeadamente as Festas de Inverno. Contou com a participação de dois colaboradores especialistas no tema para ajudar na recolha e montagem da exposição. Segundo eles, o museu teria como missão a revitalização e promoção da cultura do nordeste transmontano e da região de Zamora e, sobretudo, uma mensagem de cariz pedagógico para variados públicos. E, de facto, apesar de nem sempre as condições serem as melhores para atingir este último objetivo, o museu tem-se munido de variadas ferramentas para esse efeito.

Na primeira parte deste artigo falar-se-á da escolha da localização, recolha da coleção e montagem do museu. Todavia, sabe-se que a escolha da localização tem a ver com a proximidade do Castelo de Bragança e, por consequência, do museu mais visitado dessa cidade, o Museu Militar de Bragança. No que diz respeito à recolha da coleção sabe-se que foi feita pelos mentores acima referidos, e que se baseou na encomenda, a artesãos regionais, da confeção de todo o tipo de trajes e máscaras que eram usados nas festas de Inverno em Portugal e Espanha. Assim sendo, entenderam os líderes deste projeto que a exposição teria a seguinte montagem: Piso 0 - Festas de

Inverno em Trás-os-Montes; Piso 1 - Festas de Inverno na região de Zamora; Piso 2 - Carnaval de Portugal e Espanha, e uma vitrine de máscaras de artesãos, de ambas as regiões, que participaram na confeção da coleção.

Numa segunda parte, analisa-se a história da máscara desde a antiguidade grega até aos nossos dias, para que se possa compreendê-la e valorizá-la melhor. Ainda neste capítulo, procura-se estabelecer o elo de ligação entre as máscaras e a sua utilização nos tempos remotos e na atualidade, através da contextualização das festas de Inverno nas localidades raianas de Portugal e Espanha, descrevendo-se cada ritual festivo. Nesta sequência, contemplam-se materiais que são utilizados para a manufatura dos trajes e máscaras, possibilitando a criação do seu estudo tipológico.

Acredita-se que, para que o MIMT potencie e melhore as suas ferramentas enquanto gerador de desenvolvimento social, seria desejável seguir alguns procedimentos museológicos, atualmente já impostos na Lei Quadro dos Museus Portugueses. E é neste âmbito que aparece na terceira e última parte onde se alude à divulgação do museu, isto é, práticas que deverão ser tidas em conta para dinamizar e revitalizar o mesmo, tendo por base a mesma lei por se julgar que ele se constitui não só como um documento de referência, como também uma linha orientadora de boas práticas.

Tendo em conta que o MIMT não dispõe de um manual de normas e procedimentos de conservação preventiva, enumerou-se, no projeto de investigação algumas diretivas que visam esse efeito, evitando ou retardando a degradação dos materiais que constituem o acervo do museu. Aí, procurou-se destacar os principais agentes que o afetam e os materiais de que são constituídos os objetos do acervo museológico. Quanto às funções principais que restam e que assistem a um museu, analisou-se com especial atenção o Inventário e Documentação, a Interpretação e Exposição, por se entender que constituem as áreas que carecem de estudos mais recentes por parte desta instituição.

Para a concretização desta tese que está na base deste artigo foram adotadas diversas metodologias de investigação, privilegiando a análise de bibliografia diversa, legislação e documentação digital *on-line*.

O museu Ibérico da Máscara e do Traje e as suas colecções

A primeira fase deste estudo deteve-se na teorização: definição, delimitação e caracterização do objeto de análise. Analisados os dados de pesquisa, procedeu-se à sua contextualização com recurso a publicações periódicas de índole cultural de Bragança, no sentido de perceber o impacto local destas festividades. O primeiro capítulo reflete uma perspetiva atual do museu, três anos após o seu nascimento. Assim, pode-se afirmar que o MIMT possui 144 peças, sendo 49 manequins e 71 máscaras, distribuídas ao longo de três pisos: Piso 0 – Festas de Inverno Transmontanas; Piso 1 – Festas de Inverno da região de Zamora; Piso 2 – Carnaval das duas regiões, e ainda uma vitrine dedicada aos artesãos, criadores deste património. A existência e continuidade das festas foram os critérios de seleção para a sua representação neste museu, assim como o facto de certas personagens que participam nos rituais possuírem um traje e/ou uma máscara autenticáveis. Contudo, não foi exequível, por uma questão de espaço, colocar os manequins de todas as personagens que participam nestas festas, principalmente porque em muitas aldeias elas chegam a ser 16 personagens diferentes, como é o caso de Obisparras. Todas estas personagens participam naquilo em que alguns autores designam de verdadeiras celebrações populares teatrais, encenações onde, durante as quais, apenas se improvisam alguns diálogos.

No que concerne à localização, o MIMT está situado na cidadela da cidade de Bragança. Não é fácil de encontrar uma vez que a sinalética é escassa e confusa. Não tem parque de estacionamento mas como fica perto do castelo este possui uma grande parada onde é permitido estacionar. A área onde este se encontra localizado é apelidada de zona histórica, pelo que oferece como atracção, para além do urbanismo característico, o Castelo de Bragança e o inerente Museu Militar. Contudo, a zona é por si só uma vantagem e uma desvantagem, isto porque a maioria das pessoas que se deslocam ao castelo acabam por visitar o MIMT; mas dadas as acessibilidades feitas através de ruas íngremes dificulta a deslocação de pessoas com problemas de motricidade.

Quanto ao edifício, sabe-se que é um museu apenas pelo pequeno *out-door* que está pendurado na fachada do edifício. Tratando-se de um imóvel recuperado para

albergar esta coleção, o seu exterior permanece com características iniciais de habitação familiar, o que impossibilita ao visitante denotar a presença de um museu, e muito menos da coleção que alberga. Dada a envolvimento residencial, este equipamento cultural passa despercebido, camuflando-se. Apesar de ter sido recuperado com esse propósito não é de todo um edifício apropriado para um museu, não tendo sido considerados os requisitos necessários para a sua instalação, tais como:

- Acessibilidade - constituído por três pisos, sendo o acesso efetuado através de escadaria íngreme, não permite a acessibilidade, aos pisos superiores, por parte de pessoas de mobilidade reduzida;
- Conservação Preventiva – por se tratar de uma construção contígua a focos habitacionais degradados comporta os problemas estruturais verificados nesses edifícios, como seja a humidade;
- Exposição – procura focar uma grande área geográfica, albergando uma grande quantidade de objetos, cria uma lacuna ao nível da informação individual de cada peça.

Ao nível da entrada, esta não é facilmente perceptível, isto porque tem duas portas visíveis, sendo a entrada efetuada apenas por uma, acabando por baralhar o visitante. Relativamente à receção, esta é feita com simpatia e simplicidade. O visitante é bem acolhido, é-lhe fornecido o desdobrável do museu, onde consta a distribuição espacial e um pequeno texto explicativo da exposição. Como acompanhamento à visita o espectador é embebido em sons tradicionais relativos à temática da coleção que os emerge no ritual. Os funcionários adstritos ao museu (dois) não possuem qualquer tipo de crachá de identificação, nem uniforme, o que condiciona determinadas competências inerentes ao equipamento cultural.

A interpretação da coleção apresentada não parece justa e equilibrada, isto porque há falta de informação relativamente ao conteúdo dos objetos. O escasso conteúdo disposto nas legendas não ajuda na totalidade do esclarecimento sobre as peças, isto, porque tem apenas o nome da aldeia onde se realiza a festa, a data dessa e as personagens intervenientes na mesma, faltando a informação técnica e o nome da personagem que ali está figurada. São legendas que podem ser interpretadas por

qualquer tipo de público, não invisual. O tamanho de letra é aceitável e estão bem escritas. Existe outro material disponível de apoio à visita que nos ajuda à interpretação da exposição, nomeadamente um vídeo que retrata estes rituais *in loco*. Possui ainda dois aparelhos, de ecrã tátil, onde o visitante pode obter mais informações alusivas às festas, encontrando-se inutilizáveis por razões de sobreaquecimento do aparelho. Por motivos inerentes à inexistência de uma reserva a coleção mantém-se de carácter permanente desde a sua abertura ao público. À exceção do que aconteceu no último evento da IV Bienal da Máscara, onde estiveram expostos trajes e quadros da região de Zamora, não houve registo de uma exposição temporária neste equipamento cultural. Apesar de tudo, nem todo o tipo de público consegue aceder à exposição e à interpretação da mesma, isto porque não existe informação em *Braille*.

No que diz respeito ao serviço educativo estão planeadas algumas atividades, tais como: “Os Bons e os Maus”; “Faz a tua máscara”; “Descobre o mascareto” e “ Os sons das festas”. Apesar do espaço a elas destinado, estas ações realizam-se quando previamente solicitadas, assim como as visitas guiadas. As visitas em grupo devem comportar no máximo 20 elementos e é orientada da seguinte forma: os visitantes são rececionados no piso 0 junto do ecrã televisivo; visualizam o vídeo; apresenta-se o espaço, o título do museu e as tradições correspondentes à coleção; explica-se também os dois pisos seguintes. De seguida, o visitante visita livremente o espaço acompanhado de um funcionário do museu para o esclarecimento de alguma dúvida que possa surgir.

No que refere à segurança, não é fácil roubar ou vandalizar os objetos, isto porque a maioria deles estão colocados em vitrines e há também vigilância, quer pessoal, quer através de câmaras de vigilância.

O estudo da coleção de máscaras e trajes

O vocábulo “máscara” tem, nas línguas latinas, uma origem árabe, radicado no substantivo *maskhara*, que designava um momo, ou figura facial de cartão, destinada a obter um disfarce. A cultura latina já dispunha, quando a civilização árabe se expandiu, de um substantivo equivalente, para identificar semelhante objeto cénico *persona*, apreciado pelas crianças nas suas brincadeiras, e pelos adultos nos seus jogos. De forma

geral, tem-se vindo a atribuir às celebrações invernais uma origem romana. Jean Bayet (Tiza *et al* 2009) mostra que estas festas solsticiais de Natal e Epifania coincidem nas suas datas com as das Saturnais. Esta mesma origem é o que defende S. I. Kovaliov (Tiza *et al* 2009), mas assinalando dois dados muito interessantes: que o teatro romano teve a sua origem nas festas e nos jogos que se realizavam a propósito da colheita.

Pelo grande protagonismo que hoje os jovens detêm nos atuais festejos de Inverno, os ritos de passagem, excluindo deles uma visão monolítica e admitindo outras interpretações, estarão na génese de todo ao atual contexto festivo. Paralelamente a este grupo de ritos que sobreviveram, é preciso citar um certo número de costumes populares que derivam muito provavelmente dos cenários iniciáticos pré-cristãos, mas cuja significação original se perdeu ao longo do tempo e que, para além disso, sofreram uma forte pressão eclesiástica ordenada para a sua cristianização. Entre estes costumes populares de aspeto um tanto misterioso, é preciso classificar em primeiro lugar as mascaradas e as cerimónias dramáticas que acompanham as festas cristãs de inverno e que decorrem entre o Natal e o Carnaval. É nesta hipótese, defendida por Mircea Eliade (Tiza *et al* 2009) e partilhada por tantos outros historiadores de religiões e antropólogos, que se deve situar os ritos festivos sobreviventes dos mascarados do nordeste transmontano e nas províncias fronteiriças de Castela e Leão; Bernardo Calvo cita Jean Bayet (Tiza *et al* 2009) que confirma que estas festas do solstício coincidem nas suas datas com as das Saturnais, tal como se defende acerca do Nordeste Transmontano. Por isso, incluem-se ambas as regiões no mesmo contexto explicativo. Ao longo do ciclo agrário encontram-se celebrações festivas que marcam os seus momentos críticos: a passagem dos solstícios; o início das sementeiras; o fim das colheitas; as pausas no rigor dos trabalhos do Verão ou o prolongado tempo de repouso do Inverno. Exemplo dessas celebrações são as Festas do Pão, em honra de Santo Estevão, dos Reis ou de S. Gonçalo, com o “charolo” – um andor coberto de roscas de pão – que é benzido na igreja e integrado no ritual litúrgico, arrematado no adro, peça por peça, e comido percentualmente por todos. Um ritual que integra outros ritos: a dança da rosca, as “pandorcadas” – rondas à volta do povo acompanhadas pelos gaiteiros onde se canta, se dança, se come e se bebe – as refeições comunitárias, as corridas à rosca que reparte com o vencido e com toda a assistência. São festas dos excessos na comida e na bebida;

festas das colheitas, da abundância, da fertilidade. O sol no seu ponto mais baixo; a natureza morta; pede-se que ela renasça e que ele suba no seu esplendor de calor e luz. Máscaras e mascarados, presentes em quase todas estas celebrações, surgem então ligando o natural ao sobrenatural, os vivos e os mortos, prestando culto ao sol, à fecundidade e à natureza, neste momento crítico – a passagem de uma a outra estação, de um ao outro ciclo agrário. Na província de Zamora as mascaradas de Inverno circunscreviam-se no tempo, exclusivamente na segunda quinzena de Dezembro e nos primeiros dias de Janeiro. Aqui as festas tradicionais de Inverno têm muitas semelhanças com as transmontanas: as datas são idênticas, há personagens mascaradas, presença de chocalhos, gritos, corridas e saltos, participação quase exclusiva dos rapazes solteiros na organização e dinamização, os rituais do peditório e visita protocolar, refeições comunitárias, a convivência do cristão e do pagão. No entanto, perante as condenações da Igreja algumas subsistiram transferindo a sua celebração para o Domingo e Terça-feira de Carnaval. Todos os rituais que integram estas festividades são executados pelos rapazes não parecendo relacionados com a tradição cristã. Mais parecem relacionar-se com as festividades do ciclo agrário que se realizam em determinados momentos críticos da natureza: os solstícios, o início do ano, o início de uma estação. A luta dos opostos, das forças do bem e do mal, é outro aspeto a considerar nas funções ancestrais dos mascarados. Luta entre o “farandulo” e o “moço”, duas das principais figuras da festa dos Reis ou do Santo Menino, na localidade de Tó (Mogadouro). O “farandulo” luta pela posse da “sécia” (figura feminina representada por um rapaz); o “moço” bate-se pela defesa da sua dama, contra os ataques traiçoeiros do “farandulo”. No período do Carnaval, de novo o mascarado sai à rua para o desempenho das suas funções. A crítica social aparece no Carnaval de Podence (Macedo de Cavaleiros), nos denominados “contratos de casamento”, celebrados no Domingo Gordo, à noitinha. Também aí os “caretos” assumem as suas funções profiláticas e propiciatórias próprias dos mascarados de todo o Nordeste Transmontano.

A categoria das funções purificadoras e profiláticas dos mascarados denominados “caretos” manifesta-se na crítica social dos atos reprováveis de alguns membros ou grupos das suas comunidades. O seu papel aqui é o de profeta que levanta a voz diante de todo o povo e aponta o dedo àqueles que, pelos seus atos, se desviaram

dos valores instituídos na sociedade. Nesta mesma categoria de funções podem-se incluir outras atitudes libertárias dos mascarados: gritos e chocalhadas pelas ruas da aldeia, saltos e danças desordenadas, mergulhos na água dos rios e tanques, aplicação de castigos às moças, tudo aparentemente executado de forma espontânea mas predestinado por uma tradição milenar, como um desempenho necessário à purificação e encaminhamento da marcha da comunidade. A máscara era então uma tábua humilde onde se abriam dois orifícios como olhos, e onde se modelava a abertura da boca, ou era uma qualquer toalha de renda com a qual se cobria o rosto durante esse ajustado tempo de Entrudo. O portador da máscara, o “careto”, que no passado era sempre um homem, mesmo quando se travestia de mulher e então se designava como “senhorinha”, envergava a indumentária que a sua imaginação ou os seus recursos lhe facultavam, no geral afetar ao burlesco e à pantomina. O fato dos mascarados, em regra, é feito de colchas de fabrico caseiro, com decorado de trama de lã vermelha, composto de casaco com capuz e calças, recamados de espessas franjas de lã colorida; mais recentemente, servem-se de fatos-macacos que recobrem de fiadas franjadas de tecido de cores berrantes e contrastantes. Desde há cerca de quarenta anos que as máscaras de madeira, usadas nas festas do ciclo do Inverno ou no Carnaval, especialmente as de Ousilhão (Vinhais) e Lazarim (Lamego) se evidenciaram e ganharam, algumas delas, lugar em museus. Noutras localidades como, Podence (Macedo de Cavaleiros), Varge e Aveleda (Bragança), são as máscaras de lata as mais usadas. Tanto umas como as outras têm-se conservado e permanecido no tempo. Outras, porém, de materiais mais degradáveis, desapareceram facilmente com o uso. É o que acontece em Baçal (Bragança), onde são feitas em fibras vegetais e em Torre D. Chama (Mirandela) onde as “madamas”, nas Festas de Sto. Estevão, escondem o rosto com rendas e bordados. Dantes era o próprio “mascaro” ou “careto” que fazia a sua máscara, havendo obviamente exceções, quando o interessado encontrava alguém que lhe podia executar esse trabalho. Observando-as, é possível estabelecer traços comuns entre elas – olhos redondos e encovados, boca sempre metida para dentro, deixando realçar as bochechas e o queixo salientes, dentes saídos, língua de fora, nariz muito afilado, orelhas grandes no sentido da largura; as sobrancelhas, o contorno dos olhos e do cabelo, queimados. As matérias-primas são autóctones, como a madeira, a cortiça, o couro, as peles, a palha, as raízes, os caules e as

cascas de certos arbustos, consoante a predominância destes materiais nas diferentes localidades, ou a tradição que, em todo o caso, sempre devia ser seguida. Variam, assim, consoante quatro fatores, são eles: material, forma, cor e técnica. Assim sendo, e como já foi acima referido, a variante zona geográfica é o fator que mais condiciona a tipologia das máscaras.

O terceiro, e último capítulo do trabalho de investigação, intitula-se “Plano geral de práticas museológicas com base na Lei-Quadro dos Museus Portugueses”, e procura salientar as funções de um museu, e definir quais aquelas que o MIMT tem maiores dificuldades. Aí incidiu o grosso modo da investigação que consistiu no inventário da coleção museológica do mesmo. Procurou-se, ainda, dar algumas sugestões de boas práticas aos diferentes níveis que um museu deve responder. A Lei-Quadro dos Museus Portugueses serviu como documento orientador para a elaboração de um plano geral de práticas museológicas para o Museu Ibérico da Máscara e do Traje, e o primeiro aspeto que ressaltou foi o conceito de museu e o conceito de coleção visitável. Segundo a legislação, o MIMT deveria ser considerado como uma coleção visitável pois carece de alguns requisitos tidos como obrigatórios na consolidação de um espaço com a denominação de Museu. Contudo, não só não nos compete a categorização desta instituição museológica, como sobretudo se considera que têm sido feitos recentes esforços no sentido de aproximar os procedimentos museológicos do MIMT aos preconizados pela lei. Depois de tudo o que foi acima mencionado, concluiu-se que a temática da máscara está muito bem estudada quer por sociólogos, antropólogos e gentes de variadas áreas. São muitas as publicações, quer escritas, quer *on-line*, que evidenciam a importância da máscara e dos rituais a ela associados. O uso da máscara deixa de ser encarada como uma situação histórica, antepassada e estanque e passa a modernizar-se e a revitalizar-se através da partilha e interação a variados níveis e entre países (teatro, dança, festas nacionais e internacionais – bem visíveis na página *Web* do *Carnival King of Europe*).

Considerações finais

O trabalho exposto aspirou à contextualização a máscara, fazendo uma breve análise da história da mesma e descrever as festas de Inverno de Portugal e Espanha; a análise do registo histórico do MIMT, assim como do espaço museológico. No último capítulo, pretendeu-se, tanto quanto possível, definir propostas de boas práticas museológicas adaptadas às características do MIMT, com as especificidades da coleção que detém e com as particularidades do espaço que ocupa. Apontaram-se possíveis práticas futuras, destacando potencialidades que, no meu entender, poderão constituir novos desafios para esta instituição.

Se, por um lado, a existência de condicionantes dificultou o processo de investigação e composição deste trabalho, por outro, tornou ainda mais aliciante e motivador a sua concretização.

Este estudo abarcou os rituais de Inverno de Trás-os-Montes (Portugal) e Zamora (Espanha). Se por um lado houve condicionantes, tais como as que foram referidas anteriormente, que dificultaram o processo de investigação e composição deste trabalho, por outro lado, tornou ainda mais aliciante e motivador a sua concretização. Fala-se, pois, de novos aspetos de abordagem deste tema associados com a nova museologia. Através das novas tecnologias, quer ao nível da investigação e documentação (através do *InPatrimonium*, por exemplo), quer ao nível da interpretação, educação e exposição, o património imaterial e material relacionado com a máscara e o traje pode ficar beneficiado e proporcionar novas emoções ao visitante.

Com este estudo aqui apresentado, ainda que na certeza de que não se irá esgotar o tema em análise, espera-se contribuir para aclarar algumas noções e para lançar novos temas de debate em torno destas questões.

Referências bibliográficas

Tiza, A. A. P.; Núñez Gutiérrez, J. 2009. *Máscaras de la Provincia de Zamora, del Nordeste Transmontano y Duero - Estudio antropológico / Máscaras da Província de Zamora, do Nordeste Transmontano e Douro - Estudo antropológico*. Bragança: Bringráfica - Indústrias Gráficas, Lda.